

## O FILME “NISE, O CORAÇÃO DA LOUCURA”: A ARTE NA PESQUISA HISTÓRICA.

Heverton Rigonato (PIC/UEM), Sandra C. A. Pelegrini (Orientadora), e-mail: rigonatoheverton@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas/Maringá,  
PR.

**Área e subárea do conhecimento:** História; História do Brasil

**Palavras-chave:** Cinema; História; Representação.

**Resumo:** O resultado do projeto ora apresentado visa o debate sobre filme “Nise, O coração da loucura” (2016), no qual se destacam os tratamentos oferecidos aos pacientes com sofrimento emocional, internados em instituições psiquiátricas e seu consequente isolamento social. Nessa direção, são apontados os estudos e as práticas precursoras da psiquiatra Nise da Silveira, cuja proposta de Terapia Ocupacional buscou a humanização dos tratamentos e a reinserção dos pacientes na sociedade. Entre as metodologias postuladas por essa médica, salientamos o fomento da expressão artística, em especial, da pintura, para observação dos sentimentos e representações das causas e efeitos das doenças mentais.

### Introdução

A utilização do filme “Nise, O Coração da Loucura” como fonte primária de pesquisa é de fundamental relevância para os estudos históricos (AUMONT, 1996), uma vez que amplia as possibilidades de observação (PELEGRINI, 2012, p.60-69). A película lançada em 21 de abril de 2016, apesar de apresentar características biográficas, é classificada como um drama que narra a história da psiquiatra Nise da Silveira, cujas práticas colocavam em cheque a lobotomia e eletrochoques.

O resultado do projeto ora apresentado visa o debate sobre os tratamentos oferecidos aos pacientes com sofrimento emocional, internados em instituições psiquiátricas e seu consequente isolamento social. Nessa direção, são apontados os estudos e as práticas precursoras da psiquiatra Nise da Silveira, cuja a proposta de Terapia Ocupacional buscou a humanização dos tratamentos e a inserção dos pacientes na sociedade. Entre as metodologias postuladas por essa médica, salientamos o fomento da expressão artística, em especial, da pintura, para observação dos sentimentos e representações das causas/efeitos das doenças mentais.

A princípio a médica propõe a humanização do espaço de convivência dos internos a partir da higienização, alimentação e cuidados pessoais básicos. Depois começou a utilizar-se da arte e do contato com animais com a expectativa de que o pacientes conseguissem superar alguns limites que os distúrbios mentais lhe impunham e fossem socialmente integrados.

## Resultados e discussão

A narrativa audiovisual em questão foi contextualizada na cidade Rio de Janeiro de meados do século XX, representa o retorno da personagem Nise da Silveira, interpretado por Glória Pires, ao trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional Dom Pedro II, instituição na qual a médica questiona o violento tratamento oferecido aos pacientes portadores de patologias mentais.

O Brasil passava por grandes mudanças nesse período, entre eles as mudanças políticas que envolviam o aperfeiçoamento da República e enfrentava mobilizações como, por exemplo, a “Revolta da vacina”. A população das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, apesar de acometidas pela propagação de doenças como febre amarela e sífilis, se negavam a tomar as vacinas.

Nesta época, o governo destinou grande parte de seu orçamento para tentar resolver esta questão de saúde pública e higienização das cidades, onde inúmeras pessoas morriam e as doenças se propagavam sem controle. Autoridades políticas e intelectuais alegavam que nos cortiços, um tipo de moradia coletiva, onde as pessoas viviam aglomeradas e sem condições mínimas de higiene e “moralidade”.

Do ponto de vista da historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, essa situação fomentou intervenções pontuais na sociedade como a criação de hospícios ou asilos para isolar as pessoas que não se integravam aos conceitos de normalidade e civilidade burguesa. Os denominados “doentes mentais” eram considerados incuráveis e a eles eram aplicados tratamentos invasivos como eletrochoques e a lobotomia (1996, p. 120-121).

A protagonista do filme “Nise Coração da Loucura”, questiona esses tipos de procedimentos médicos e propõe outras formas de tratamento onde se incluía a Terapia Ocupacional, porém enfrentou muita resistência por parte de seus pares. Os médicos da época usavam os hospícios como um depósito de pessoas e como local de pesquisa, pouco se importando com doentes ou como eles se sentiam.

Cunha salienta que haviam grandes equívocos e “preconceitos” em relação a lida com os pacientes. Alguns estudiosos sinalizavam relações de “raça” e origem com as doenças mentais e sugeriam a identificação dos sintomas, a internação e o isolamento como forma de solução para a não propagação desses males. O Juquery, instituição localizada no estado de São Paulo, era apontada como uma maneira de manter os “saudáveis” distantes do convívio com “loucos”, imigrantes e demais “desajustados”. (1996, p. 31-35)

Neste hospício, os internos eram aprisionados em condições sub-humanas, submetidos até a tortura. Para alguns era imposto o trabalho compulsório na confecção de roupas e sapatos, com vistas a discipliná-los e teoricamente reintegrá-los ao mercado de trabalho.

No enredo, a Dra. Nise ao chegar ao hospital psiquiátrico se depara com a aplicação de eletrochoques, comuns na época, mas, incomodada, ela passa a questionar tais procedimentos e dirige-se ao Diretor do hospital que, por sua vez, a transfere para o Setor de Terapia Ocupacional (STO). Chegando

lá, a médica se depara com um local degradado e apenas com o apoio de dois enfermeiros (Lima e Ivone). Apesar da indiferença dos dois profissionais, logo, passa a limpar e organizar o espaço, depois cria fichas a serem preenchidas por seus colegas, mas os médicos ignoram sua proposta.

A princípio, Silveira observa o comportamento dos pacientes e sua interação. Neste meio tempo conhece Almir, que era artista e teve a grande ideia de transformar o STO em um ateliê de pintura. Eles mesmos conseguem os materiais para começarem os trabalhos. Com este passo os pacientes começam a lidar com as tintas, cada um de uma maneira diferente e sem nexos e com o tempo o que era apenas rabiscos e borrões começa a criar formas e vida. As pinturas abstratas de casas e paisagens tenderam a melhorar o dia-a-dia deles, deixando-os mais calmos, concentrados e finalmente promoveu a socialização entre eles.

A partir do desenvolvimento das pinturas, a psiquiatra organizou uma exposição com as obras no próprio hospital e convidou os seus pares e familiares dos doentes para conhecê-las. Para sua surpresa, quem vem visitar a mostra é o renomado crítico de arte Mario Pedrosa, que ficou impressionado com a qualidade das obras e ressaltou que em anos estudando arte “nunca” teria visto “pinturas tão belas” e com “traços perfeitos”, para pessoas que nunca tiveram aula ou acesso às técnicas de pinturas.

Salientamos que por meio da observação das obras, a médica começou a notar que as pinturas estavam relacionadas aos traumas sofridos pelos pacientes. Por exemplo, Emygdio de Barros, um dos maiores artistas internados na instituição que adoeceu após a perda de sua namorada. A arte como pintura livre no filme, buscou a essência das pessoas, o sentimento reprimido ou a alegria, representações de seus sentimentos. Por fim, a doutora traz cães para conviver com os pacientes e lhes atribui a responsabilidade de cuidar deles (banho, comida, carinho, atenção). Essa atividade também contribuiu para minimizar a irritabilidade deles.

Segundo Goffman (2001), a padronização do tratamento das pessoas com sofrimento emocional mantiveram-se sob um controle burocrático promovido por um grupo de pessoas, apoiado pelas políticas públicas de saúde adotadas na década de 1940, no Brasil. Estas, por sua vez, se embasavam em práticas coercitivas e nos estudos da psiquiatria tradicional e extremamente conversadora baseada em agressões físicas, eletrochoques, a lobotomia, entre outros (FOUCAULT, 1978).

A intervenção da médica psiquiatra Nise da Silveira iniciou um processo inovador de tratamento oferecido aos indivíduos tidos como “loucos”, tais como a produção artística pictórica e de esculturas que, por sua vez, serviu para tratá-los de forma mais humanitária. A prática desta personagem exemplificou a crença de que por meio da expressão artística individual e subjetiva é possível percebermos as sensibilidades humanas, reforçando a sua existência diante do cenário de esquecimento nos manicômios. O resultado do tratamento promovido pela Dra. Nise produziu pinturas e

esculturas que foram reunidos e compuseram o acervo da atual instituição denominada “Museu do Inconsciente”.

A terapia ocupacional proposta no filme é um meio de tratamento que evitava as torturas e os maus tratos, demonstrando a psiquiatria um novo modo de tratar as pessoas com sofrimento emocional. A Dra. Nise conseguiu demonstrar a relevância das mudanças nas instituições psiquiátricas e nas práticas de seus colegas médicos. Além disso, ela criou uma galeria que até hoje existe na cidade do Rio de Janeiro.

### Conclusão

O longa-metragem estudado é salutar para a compreensão das terapias ocupacionais e para o trato das doenças mentais. As cenas estudadas comprovam que as terapias ocupacionais e as atividades lúdicas contribuíram para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes confinados no sanatório supra citado.

Ademais, venceu importantes prêmios, como o de melhor filme no Festival de Cinema Brasileiro na Rússia, o de melhor atriz para Glória Pires que interpreta a psiquiatra Nise e de melhor filme no Festival de Tóquio. Recebeu o troféu de melhor longa-metragem pelo Júri Popular no Festival de cinema latino de Pernay na França, obtendo também o prêmio de melhor filme no Festival Internacional de Cinema no Rio de Janeiro.

O trabalho desenvolvido pela Doutora Nise da Silveira representou um avanço no tratamento psiquiátrico, uma vez que interferiu na forma de pensar e de agir dos profissionais dessa área e os pacientes passaram a ser tratados como seres humanos que necessitam de respeito e cuidados.

Ela representou para todos os pacientes psiquiátricos do Brasil e do mundo a diferença entre uma vida digna e uma sem respeito algum que os levavam rapidamente a degradação e morte.

### Referências

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. Tradução de Marina Appenzeller. Editora Papirus: Campinas: São Paulo, 1994.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; PELEGRINI, Thiago. O cinema na produção historiográfica: um destaque à análise da narrativa fílmica. In: MORELI, Ailton (org.). **Introdução ao Estudo de História**. Maringá: EDUEM, 2012, p. 59- 70.